

Griffith e Femto: do Weltgeist ao Weltverstofflichung

Griffith and Femto: From Weltgeist to Weltverstofflichung

Griffith y Femto: del Weltgeist al Weltverstofflichung

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.22820691>

Recebido: 11 de setembro de 2026

Aceito: 14 de setembro de 2026

Publicado: 17 de setembro de 2026

César Alexandre da Silva Aprile

Graduação em História

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)

✉ cesaraprile9@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4647560785353522>

 <https://orcid.org/0000-0002-6035-4017>

Resumo: O conceito hegeliano de Weltgeist (Espírito do Mundo) é contraposto à categoria Weltverstofflichung, neologismo cunhado pelo autor para nomear, em termos materialistas, o processo histórico pelo qual uma determinação inicialmente subjetiva adquire existência objetiva e efetividade material autônoma. Parte-se da filosofia da história de Hegel, na qual indivíduos histórico-universais realizam, sem plena consciência disso, os fins de um Espírito que os transcende, a astúcia da razão. Contra essa explicação idealista, mobiliza-se o materialismo dialético de Lênin, Stalin e Mao Zedong para sustentar que esse mesmo tipo de processo não requer nenhum sujeito metafísico, bastando relações materiais concretas e o movimento interno da contradição. A tese é posta à prova no par Griffith/Femto, da obra Berserk, de Kentaro Miura: a trajetória da personagem é lida como a passagem de uma vontade subjetiva particular (Griffith, momento do Weltgeist) a uma potência objetivada e autônoma (Femto, momento do Weltverstofflichung), com a teoria da contradição de Mao, o método de Lênin e os conceitos marxistas de autonomização e fetichismo como instrumentos de leitura. A Weltverstofflichung descreve fenômenos de objetivação de determinações subjetivas sem recorrer a teleologia ou sujeito espiritual, deslocando a astúcia da razão hegeliana para uma lógica material, contraditória e historicamente contingente.

Palavras-chave: Weltverstofflichung; Weltgeist; Materialismo dialético; Berserk; Griffith.

Abstract: The Hegelian concept of Weltgeist (World Spirit) is contrasted with the category Weltverstofflichung, a neologism coined by the author to name, in materialist terms, the historical process through which an initially subjective determination acquires objective existence and autonomous material effectiveness. The study starts from Hegel's philosophy of history, in which world-historical individuals realize, without full awareness of it, the ends of a Spirit that transcends them, the cunning of reason. Against this idealist explanation, the dialectical materialism of Lenin, Stalin and Mao Zedong is mobilized to argue that this same type of process requires no metaphysical subject, needing only the persistence of concrete material relations and the internal movement of contradiction. The thesis is tested on the Griffith/Femto pair, from Kentaro Miura's Berserk: the character's trajectory is read as the passage from a particular subjective will (Griffith, the Weltgeist moment) to an objectified, autonomous power (Femto, the Weltverstofflichung moment), with Mao's theory of contradiction, Lenin's method, and the Marxist concepts of autonomization and fetishism operating as reading instruments. Weltverstofflichung allows describing phenomena of objectification of subjective determinations without recourse to any teleology or spiritual subject, displacing the Hegelian cunning of reason toward a material, contradictory and historically contingent logic.

Keywords: Weltverstofflichung; Weltgeist; Dialectical materialism; Berserk; Griffith.

Resumen: El concepto hegeliano de Weltgeist (Espíritu del Mundo) se contrapone a la categoría Weltverstofflichung, neologismo acuñado por el autor para nombrar, en términos materialistas, el proceso histórico por el cual una determinación inicialmente subjetiva adquiere existencia objetiva y efectividad material autónoma. Se parte de la filosofía de la historia de Hegel, en la cual individuos histórico-universales realizan, sin plena conciencia de ello, los fines de un Espíritu que los trasciende, la astucia de la razón. Frente a esta explicación

idealista, el materialismo dialéctico de Lenin, Stalin y Mao Zedong sostiene que ese proceso no requiere sujeto metafísico, bastando relaciones materiales concretas y el movimiento interno de la contradicción. La tesis se prueba en el par Griffith/Femto, de Berserk, de Kentaro Miura: su trayectoria se lee como el paso de una voluntad subjetiva particular (Griffith, momento del *Weltgeist*) a una potencia objetivada y autónoma (Femto, momento del *Weltverstofflichung*), con la contradicción de Mao, el método de Lenin y los conceptos marxistas de autonomización y fetichismo como instrumentos de lectura. La *Weltverstofflichung* describe fenómenos de objetivación de determinaciones subjetivas sin recurrir a teleología o sujeto espiritual, desplazando la astucia de la razón hegeliana hacia una lógica material, contradictoria e históricamente contingente.

Palabras clave: *Weltverstofflichung*; *Weltgeist*; Materialismo dialéctico; Berserk; Griffith.

1. INTRODUÇÃO

Na filosofia da história de Hegel, a razão governa o mundo, e o curso da história universal é a efetivação progressiva de um sujeito metafísico, o *Weltgeist*, o Espírito do Mundo. Esse Espírito não se realiza por decreto abstrato: serve-se dos desejos, das paixões e dos interesses particulares dos indivíduos como instrumentos de sua própria consumação. Os *welthistorische Individuen*, os indivíduos histórico-universais, como César ou Napoleão, perseguem fins que lhes são próprios e, sem plena consciência disso, realizam algo que os excede: a vontade do Espírito do Mundo. É a essa operação que Hegel dá o nome de astúcia da razão (*List der Vernunft*).

Sustenta-se que essa mesma operação (uma vontade particular que se objetiva e passa a produzir efeitos que já não pertencem à consciência que a originou) pode e deve ser descrita sem nenhum sujeito espiritual. Para isso, proponho o conceito de ***Weltverstofflichung***: não como sinônimo do *Weltgeist* hegeliano, nem como sua atualização, mas como sua refutação materialista. Onde Hegel vê a marcha de um Espírito que usa indivíduos como veículos inconscientes de si mesmo, a *Weltverstofflichung* vê apenas vontade particular, relações sociais e materiais concretas, e um produto objetivado que, uma vez destacado de sua origem subjetiva, passa a se apresentar, para quem o observa de dentro, como se sempre tivesse sido uma potência autônoma e preexistente. O que em Hegel é metafísica da história é, na leitura que proponho, um efeito retroativo da própria materialização: o *Weltgeist* é o nome idealista dado, depois do fato, a um processo cuja origem é sempre rastreável e concreta.

O argumento se desenvolve em duas etapas. Na primeira, de caráter teórico, exponho o *Weltgeist* hegeliano em seus próprios termos: a razão imanente ao curso histórico, os indivíduos histórico-universais e o destino trágico que os consome, para, em seguida, apresentar o materialismo dialéctico e histórico de Lênin, Stalin e Mao Zedong como base filosófica de onde a *Weltverstofflichung* é formulada como categoria explicitamente contraposta ao Espírito hegeliano. Não se trata de negar todo valor a Hegel: a dialética como método de apreensão do movimento e da contradição é reconhecida como instrumento

aproveitável; o que se recusa é o sujeito-substância que a move e a finalidade racional que a orienta.

Na segunda etapa, a tese é posta à prova em um caso concreto de análise narrativa: o par Griffith/Femto, da obra *Berserk*, de Kentaro Miura. Griffith e Femto não funcionam aqui como mera ilustração literária de um conceito já pronto, mas como o terreno em que os operadores conceituais retirados de Marx, Lênin e Mao, a autonomização (*Verselbstständigung*) e o fetichismo da mercadoria, o método de análise concreta de situação concreta, e a teoria da contradição, com sua identidade dos contrários e sua conversão de quantidade em qualidade, são efetivamente colocados em ação. A trajetória de Griffith é lida não como a história de um homem que "se torna" outra coisa, mas como a exposição narrativa de um único processo material cindido em dois momentos: Griffith é o momento do *Weltgeist*; Femto é o momento da *Weltverstofflichung*.

A exposição segue a seguinte ordem: a seção 1 apresenta a fundamentação teórica, expondo primeiro o *Weltgeist* hegeliano e, em seguida, o materialismo dialético e histórico que permite formulá-lo como categoria explicitamente materialista, contraposta ao Espírito do Mundo. A seção 2 aplica esse aparato conceitual à trajetória de Griffith e Femto, subdividida em momentos que acompanham a passagem da vontade subjetiva à potência objetivada. A seção 3 sintetiza o argumento central. A conclusão retoma as implicações mais amplas da tese.

2. REFERENCIAL TEÓRICA

2.1 Hegel: o *Weltgeist* e os indivíduos histórico-universais

Na introdução às *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Hegel (1848) sustenta que a razão governa o mundo e, por conseguinte, a história universal, mas essa razão não se realiza por decreto abstrato: ela é imanente ao próprio curso histórico e se efetiva através dele. Os desejos, interesses e paixões particulares dos indivíduos e dos povos são descritos por Hegel como os instrumentos e meios de que o Espírito do Mundo (*Weltgeist*) se serve para consumir seu fim e elevá-lo à consciência (Hegel, 1848, p. 32).

O ponto central é a figura do que Hegel chama *welthistorische Individuen*, os indivíduos histórico-universais. São aqueles cujos fins particulares contêm, sem que o saibam plenamente, algo de substancial: a vontade do Espírito do Mundo. Hegel toma Júlio César como exemplo: ao lutar por manter sua posição pessoal contra seus rivais, César realiza, ao mesmo tempo, algo que já era necessário para Roma e para a história do mundo: o domínio único sobre o império, de modo que seu ganho particular coincide com um instinto que consumava o que estava,

segundo suas palavras, "an der Zeit" [na ordem do tempo] (Hegel, 1848, p. 37-38). Esses indivíduos são chamados heróis não porque tiravam seus fins da ordem tranquila e já sancionada das coisas, mas porque os extraíam de uma fonte ainda subterrânea, ainda não trazida à existência presente (Hegel, 1848, p. 38). Hegel observa ainda que tais indivíduos não tinham, em seus próprios fins, a consciência da Ideia enquanto tal: eram homens práticos e políticos, dotados de perspicácia sobre o que era necessário e estava na ordem do tempo (Hegel, 1848, p. 38-39).

Um segundo elemento é o destino desses indivíduos: Hegel nota que o percurso desses "gestores do Espírito do Mundo" raramente foi feliz: não chegaram ao gozo tranquilo, e, uma vez atingido o fim, caem como a casca vazia do núcleo: morrem cedo como Alexandre, são assassinados como César, deportados como Napoleão (Hegel, 1848, p. 39). O indivíduo histórico-universal é, portanto, veículo e não beneficiário último do processo que encarna: sua função consome-se no ato de realizá-la.

Essa estrutura (vontade particular que, sem plena consciência de si, personifica e realiza uma necessidade que a excede, e que é consumida no próprio ato de realizá-la) é o primeiro eixo interpretativo aplicado a Griffith. Mas é também, precisamente, o eixo que a fundamentação materialista a seguir se propõe a desmontar: não porque a estrutura narrativa descrita por Hegel seja falsa, mas porque sua explicação (um sujeito espiritual que se realiza através dela) é dispensável.

2.2 O materialismo dialético: fundamentos conceituais

O ponto de partida é a oposição entre duas concepções de mundo. Para o materialismo, a realidade existe independentemente da percepção humana: o mundo externo é objetivo e concreto, e as ideias e sensações que formamos dele são reflexos, cópias ou imagens, dessa realidade (Lênin, 1909). O idealismo inverte essa relação: toma o espírito, a consciência ou os conceitos como fonte do mundo, e a matéria como secundária, o que Mao Zedong (1938) descreve como "pôr o mundo real de pés para cima". Essa dicotomia entre materialismo e idealismo atravessa toda a história da filosofia e é o primeiro eixo a partir do qual o pensamento marxista se posiciona, e é também, adiantando o argumento, o eixo em que o Weltgeist hegeliano e a Weltverstofflichung aqui proposta se separam de modo mais direto: o primeiro explica a objetivação histórica pondo o Espírito antes da matéria; a segunda inverte essa ordem.

Ao materialismo, o marxismo soma um método: a dialética. Stalin (1938) define o materialismo dialético como a concepção filosófica do Partido marxista-leninista, dialético no modo de abordar e estudar os fenômenos da natureza, materialista na interpretação que faz

deles:

O materialismo dialético é a concepção filosófica do Partido marxista-leninista. Chama-se materialismo dialético, porque o seu modo de abordar os fenômenos da natureza, seu método de estudar esses fenômenos e de concebê-los, é dialético, e sua interpretação dos fenômenos da natureza, seu modo de focalizá-los, sua teoria, é materialista (Stalin, 1938).

Essa definição, tomada isoladamente, permanece abstrata. É em Mao Zedong (1937) que a dialética ganha sua formulação mais operativa: a causa fundamental do desenvolvimento de qualquer fenômeno não é externa, mas reside na contradição interna ao próprio fenômeno; causas externas atuam apenas por intermédio das causas internas. Dessa tese derivam dois princípios centrais para o método dialético. O primeiro é a identidade dos contrários: todo fenômeno contém dois aspectos contraditórios que se pressupõem mutuamente e que, em condições determinadas, podem converter-se um no outro (Zedong, 1937). O segundo é a conversão da mudança quantitativa em mudança qualitativa: um fenômeno atravessa um estado de aparente repouso relativo, em que se acumulam apenas modificações quantitativas, até que essas modificações atingem um ponto em que rompem a unidade do fenômeno e produzem uma transformação qualitativa, um salto (Zedong, 1937). Esses dois princípios (retidos aqui não como erudição de passagem, mas como instrumental que será diretamente aplicado à leitura de Griffith e Femto na seção 2) bastam para explicar uma transformação como a do Eclipse sem que seja necessário nenhum recurso a uma finalidade que a preceda: a contradição interna ao processo é suficiente.

Essa dialética se distingue nitidamente do materialismo mecanicista que a precede historicamente. Para o mecanicismo, o universo e os seres humanos equivalem a um projétil lançado por um impulso inicial: passado e futuro já estão contidos nesse impulso, e à ciência resta apenas contemplar, nunca agir. Langevin (1945) descreve essa postura como fatalista, o paradoxo de uma ciência nascida das necessidades da ação que termina por negar a própria possibilidade da ação:

Estando assim nosso passado e nosso futuro contidos no impulso inicial dado ao imenso projétil ao qual o determinismo mecanicista compara o universo, a atitude do homem, e a da ciência, não pode ser mais que contemplativa, como ela é na astronomia, o que levou a um fatalismo, com este paradoxo de que a ciência, resultado das necessidades da ação, chegue somente a negar a própria possibilidade da ação (Langevin, 1945).

A dialética marxista rompe com esse fatalismo justamente porque não trata os fenômenos como isolados e imutáveis, mas como movidos, de dentro, por contradições que os impulsionam; daí a diferença de fundo entre um materialismo que apenas observa e um materialismo que explica a transformação. Essa distinção é decisiva para o argumento central: um materialismo mecanicista, que apenas substituísse a palavra "Espírito" por "matéria"

mantendo a mesma estrutura de necessidade cega, não seria uma alternativa real ao Weltgeist; seria o mesmo determinismo com outro vocabulário. É a dialética, e não o materialismo em geral, que fornece a diferença qualitativa necessária para que a Weltverstofflichung não seja apenas o Weltgeist travestido de matéria.

Por fim, aplicado à vida social, esse método dá origem ao materialismo histórico, que Stalin (1938) define como a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da vida social, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história. Ao contrário de explicações idealistas, que buscam nas ideias ou em desígnios abstratos as causas dos eventos históricos, o materialismo histórico afirma que são as condições materiais e as relações de produção que determinam a sociedade, a política e a cultura. É desse princípio (condições materiais e relações concretas como determinantes, não ideias autorrealizáveis) que a Weltverstofflichung herda sua exigência mais básica: toda objetivação precisa ser mediada por relações sociais, práticas e institucionais efetivas, nunca por um princípio espiritual que se realize por conta própria.

2.3 Weltverstofflichung: da crítica à contraposição categorial

Com essas bases, é possível formular a Weltverstofflichung não como uma simples negação do Weltgeist, mas como sua contraposição categorial explícita: a designação, em termos materialistas, do processo histórico contingente pelo qual uma determinação inicialmente ideal, subjetiva ou espiritual adquire existência objetiva e efetividade material mediante sua inscrição em relações sociais, práticas, instituições e mecanismos causais concretos. Uma vez objetivada, essa determinação pode adquirir relativa autonomia em relação à consciência individual que lhe deu origem, produzindo efeitos não intencionais, contraditórios ou mesmo antagônicos às intenções originárias.

A diferença decisiva em relação ao Weltgeist está na fonte da unidade do processo. Em Hegel, a unidade dos diferentes momentos da história é garantida por uma racionalidade imanente e por uma finalidade que a antecede: o Espírito sabe, ainda que os indivíduos não saibam, para onde caminha. Na Weltverstofflichung, a unidade não deriva de nenhuma racionalidade imanente, finalidade histórica ou desenvolvimento necessário do Espírito, mas da persistência de relações materiais e mecanismos causais concretos que vinculam as diferentes manifestações de uma mesma determinação. Essa unidade é, portanto, estrutural e causal, mas não teleológica: não pressupõe que as transformações posteriores realizem uma essência previamente contida na determinação inicial. É esse princípio de não teleologia que separa a Weltverstofflichung de um materialismo mecanicista que apenas trocasse o

vocabulário da necessidade hegeliana: regularidade dialética condicionada historicamente não é o mesmo que necessidade teleológica.

Trata-se, portanto, de uma tese metodológica e ontológica (não é necessário postular o *Weltgeist* como princípio explicativo do movimento histórico), e não de uma afirmação sobre a inexistência de qualquer valor teórico em Hegel. A dialética como método é reconhecida como ferramenta aproveitável; o que se nega é o sujeito-substância que a move e a finalidade racional que a orienta. Na filosofia da história hegeliana, a razão se realiza progressivamente através de um processo dialético necessário, e os indivíduos históricos funcionam como agentes inconscientes desse Espírito, perseguindo paixões pessoais que, sem o saberem, servem a um propósito racional que os transcende, a astúcia da razão. É essa estrutura específica (necessidade racional, finalidade imanente, sujeito metafísico que se realiza através da história) que a *Weltverstofflichung* recusa como princípio explicativo, sem que isso implique descartar a dialética enquanto método de análise do movimento e da contradição.

2.3 Três operadores conceituais retidos

Da linhagem materialista e marxista, a *Weltverstofflichung* retém, como interlocutores críticos e não como autoridade fundadora, três operadores conceituais que serão diretamente aplicados à leitura de Griffith e Femto na seção 2.

De Marx, a exigência de que toda objetivação seja mediada por relações sociais, práticas, instituições e formas de trabalho concretas, nunca por um princípio espiritual autorrealizável, e os conceitos de *Verselbstständigung* (autonomização do capital como potência que domina seus produtores) e do fetichismo da mercadoria, nos quais a unidade do processo é estrutural, dada pela forma-valor, não nominal.

Esse operador não é aqui introduzido como neologismo alemão meramente evocativo. Marx e Engels descrevem-no de modo explícito em *A Ideologia Alemã* (1845-1846), ao tratarem da divisão do trabalho: o poder social produzido pela cooperação entre indivíduos, porque essa cooperação não é voluntária, mas imposta pela própria divisão do trabalho, não aparece a esses indivíduos como o seu próprio poder unificado, mas como uma "força alheia que existe fora deles", cuja origem e destino desconhecem e que, por isso mesmo, já não conseguem dominar (Marx; Engels, 1846). É esse mecanismo, e não uma metáfora solta, que a *Weltverstofflichung* generaliza para além do caso específico da divisão do trabalho: uma determinação de origem subjetiva e social que, uma vez posta em movimento, adquire um curso de desenvolvimento independente da vontade dos indivíduos que a produziram e passa a comandar, em vez de ser

comandada por, essa mesma vontade.

O mesmo cuidado vale para o fetichismo da mercadoria. Em *O Capital*, Marx (2013) mostra que, na produção mercantil, a relação social determinada que os produtores estabelecem entre si por meio do próprio trabalho se apresenta a eles como se fosse uma relação entre coisas, e não entre pessoas: o caráter social do trabalho aparece como propriedade natural dos produtos, e não como resultado de uma prática humana coletiva. Mais adiante, ao expor a fórmula geral do capital, Marx observa que o valor, passando continuamente da forma dinheiro à forma mercadoria e desta de volta ao dinheiro sem se perder nesse movimento, converte-se em "sujeito automático" do próprio processo de valorização (Marx, 2013, p. 229-230), tornando-se, a partir daí, sujeito usurpador da atividade humana concreta que originalmente o produziu. É esse duplo mecanismo, a ocultação da origem social sob a aparência de uma relação entre coisas e a conversão de um produto do trabalho em sujeito automático do seu próprio processo, que fornece à *Weltverstofflichung* seu modelo mais rigoroso de objetivação: não basta que uma determinação subjetiva produza efeitos objetivos, é preciso que ela se apresente, à consciência que a observa, como se nunca tivesse tido outra origem além de si mesma.

De Lênin, o método de análise concreta de situação concreta: o nexos material e causal exigido pela definição de *Weltverstofflichung* não é uma exigência metodológica solta, mas encontra nesse método um modo de identificação, caso a caso, do nexos causal que conecta as manifestações de uma determinação objetivada.

De Mao, a teoria da contradição: contradição principal e contradições secundárias, aspecto principal e aspecto secundário de cada contradição, a particularidade da contradição, e a possibilidade de que um aspecto se transforme em seu oposto sob condições determinadas, como um dos mecanismos possíveis para explicar como e por que uma determinação objetivada se recombina, se fragmenta ou produz efeitos que se voltam contra sua origem. Esses efeitos não são lidos como ironia histórica ou astúcia da razão invertida, mas como uma determinação objetiva do movimento contraditório, cuja manifestação concreta depende das condições históricas específicas, não uma lei necessária que garanta de antemão esse resultado.

Munido desses três operadores, passa-se à prova da *Weltverstofflichung* em um caso concreto: a trajetória de Griffith e Femto, na obra de Kentaro Miura, na qual a passagem da vontade subjetiva à potência objetivada não é apenas ilustrada, mas literalmente dramatizada, painel a painel.

3. METODOLOGIA

O estudo adota a análise conceitual e hermenêutica como procedimento metodológico, próprio de trabalhos teóricos em filosofia e teoria da história. A pesquisa articula, em uma primeira etapa, a leitura direta das fontes primárias de Hegel (*Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*) e do materialismo dialético e histórico de Lênin, Stalin, Mao Zedong, Marx e Engels, selecionadas por sua relevância canônica para a discussão sobre teleologia histórica e objetivação social. Em uma segunda etapa, esse aparato conceitual é aplicado como chave de leitura a um estudo de caso narrativo, a trajetória do par Griffith/Femto na obra *Berserk*, de Kentaro Miura, cujos episódios foram selecionados por apresentarem, de forma narrativamente explícita, os elementos exigidos pela categoria proposta: vontade subjetiva original, mediação por relações concretas, objetivação verificável e autonomia relativa da potência resultante. A análise procede por cotejo textual entre os conceitos filosóficos mobilizados e as passagens específicas da obra, identificadas ao longo do texto pela edição de referência utilizada, sem recurso a instrumentos quantitativos ou a coleta de dados empíricos, dado o caráter teórico-interpretativo da investigação.

4. DESENVOLVIMENTO

O par Griffith/Femto oferece um caso de teste privilegiado exatamente porque a narrativa expõe, com clareza pouco comum, todos os elementos exigidos pela definição da seção anterior: uma determinação originária subjetiva (a vontade de Griffith de ter um reino próprio); sua mediação por relações concretas de poder, guerra, traição e sacrifício; uma objetivação verificável dessa vontade na figura de Femto; a autonomia relativa de Femto em relação aos vínculos e afetos do Griffith original; e a ausência de qualquer finalidade cósmica pré-estabelecida que garantisse esse desfecho: a transformação depende das condições concretas da narrativa, não de uma essência contida desde o início na personagem. É esse conjunto de elementos, e não uma semelhança narrativa superficial com o esquema hegeliano, que autoriza a leitura a seguir.

4.1 Duas figuras, um só processo

A trajetória de Griffith não deve ser lida como a história de um homem que "se torna" outra coisa, mas como a exposição narrativa de um único processo cindido em dois momentos analiticamente distintos. No primeiro momento, Griffith é a figura do **indivíduo histórico** na acepção hegeliana: uma vontade subjetiva particular que, sem plena consciência disso, coincide com uma determinação universal em curso; ele é o veículo empírico de um movimento que o

excede. No segundo momento, encarnado como Femto, essa mesma determinação já não precisa mais do sujeito que a portou: ela adquiriu **existência objetiva e efetividade próprias**, tornando-se uma potência material capaz de produzir efeitos independentemente da consciência individual que a originou. É exatamente esse segundo momento que o conceito de **Weltverstofflichung** procura nomear, não como sinônimo do Weltgeist hegeliano, mas como sua *refutação materialista*: o espírito do mundo não se realiza sozinho na história através de indivíduos que ele usa como instrumentos inconscientes; ele é, antes, o *nome idealista* dado retroativamente a um processo de objetivação que tem origem concreta, material e rastreável numa vontade particular, e que, uma vez objetivado, escapa ao controle dessa vontade e passa a dominá-la como se fosse alheia a ela.

Griffith ocupa, na leitura proposta, a posição estrutural que Hegel atribui ao indivíduo histórico-universal; Femto corresponde ao momento em que a determinação subjetiva se objetiva e adquire autonomia relativa. Nos termos conceituais propostos, Griffith é o momento do Weltgeist; Femto, o momento da Weltverstofflichung.

4.2 Griffith como indivíduo histórico (o Weltgeist em ato)

Já na apresentação do personagem, a narrativa atribui a Griffith uma autoconcepção que funciona quase como uma paráfrase involuntária do conceito hegeliano de indivíduo histórico-universal: a convicção de que existem, independentemente de origem ou classe social, indivíduos que são por natureza “chaves” capazes de pôr o mundo em movimento, uma espécie de elite natural regida por uma lei própria do universo, à qual ele se sabe pertencer (Miura, 1991). O que essa autoimagem articula é estruturalmente idêntico à figura hegeliana do grande homem histórico: aquele cuja vontade particular, movida por paixões e ambições pessoais, coincide objetivamente com a direção que o Espírito do Mundo está tomando naquele momento. Griffith não possui essa consciência em termos filosóficos; ele apenas *sente* que é “diferente”, que pertence a uma categoria de homens que “movem o mundo”. Essa é precisamente a estrutura da falsa consciência do indivíduo histórico hegeliano: ele age por interesse próprio (a ambição de ter um reino) e, ao fazê-lo, realiza, sem querer e sem saber, um movimento que ultrapassa sua própria intenção.

Do ponto de vista materialista, porém, essa autoimagem não precisa de nenhum lastro metafísico para ser eficaz: basta que Griffith, seus companheiros e as relações de poder que os cercam ajam *como se* ela fosse verdadeira para que ela produza efeitos concretos: recrutamento, lealdade, sacrifício. A força da convicção de Griffith não decorre de sua correspondência a nenhum Espírito real, mas de sua inscrição em relações sociais efetivas: é a

Banda do Falcão, como organização concreta de guerra e trabalho, que dá corpo material a uma ambição que, sem ela, permaneceria mero desejo subjetivo.

4.3 A dialética entre necessidade e liberdade: a ascensão como “preordenada” e, ao mesmo tempo, “escolhida”

O ponto mais rico para a argumentação hegeliana é a tensão, interna à própria narrativa, entre necessidade e liberdade. No momento em que o God Hand se manifesta durante o Eclipse, revela-se que a ascensão de Griffith aos seus quadros já estava determinada pela própria estrutura causal do universo, preordenada, portanto, antes mesmo de qualquer ato seu (Miura, 1996a). E, no entanto, a efetivação desse destino depende de um ato de vontade explícito: é preciso que Griffith *queira*, que ele consinta ativamente com o sacrifício, para que a necessidade universal se cumpra (Miura, 1996b). Essa é a “astúcia da razão” hegeliana em sua forma mais literal possível dentro da obra: a necessidade estrutural do sistema não anula a liberdade do indivíduo: ela a *usa*. Griffith crê estar escolhendo livremente seu destino no momento do Eclipse; do ponto de vista do sistema, ele está apenas cumprindo, com um ato de vontade, uma necessidade que o excede e que ele não criou.

É precisamente neste ponto que a teoria da contradição de Mao Zedong (1937) oferece uma leitura alternativa à astúcia da razão, sem abrir mão da mesma tensão dramática. Não é necessário postular nenhuma necessidade cósmica preexistente para explicar por que a ascensão de Griffith “já estava determinada”: basta reconhecer que a ambição de Griffith e as relações concretas em que ela se inscreve (anos de guerra, de traição, de sacrifício da Banda do Falcão) acumularam, ao longo da narrativa, uma série de modificações quantitativas (poder militar, dependência afetiva dos companheiros, proximidade com o God Hand) que, num determinado ponto, rompem a unidade do fenômeno e produzem um salto qualitativo: a conversão de Griffith, vontade subjetiva, em Femto, potência objetivada. O que Hegel lê como necessidade racional imanente, a dialética da contradição lê como conversão de quantidade em qualidade, um processo materialmente rastreável, não uma finalidade que se anuncia de antemão.

Do mesmo modo, a identidade dos contrários, a tese de que todo fenômeno contém dois aspectos contraditórios que se pressupõem mutuamente e que, em condições determinadas, podem converter-se um no outro (Zedong, 1937), descreve com precisão a estrutura da própria personagem no momento do Eclipse: a liberdade de Griffith (o ato de vontade que consente com o sacrifício) e a necessidade do sistema (a ascensão já determinada pelo God Hand) não são dois princípios metafísicos em disputa, como em Hegel, mas dois aspectos de uma única

contradição interna ao processo, que se convertem um no outro no instante mesmo do sacrifício: a liberdade de Griffith é o mecanismo pelo qual a necessidade do sistema se cumpre, e não sua superação nem sua ilustração.

É por isso que, no período subsequente ao Eclipse, a narrativa descreve Griffith metaforicamente "descendo" a um abismo metafísico, onde ele apreende, retroativamente, a natureza humana, a estrutura da causalidade e o papel último que sempre lhe coube dentro dos desígnios da entidade suprema a que o God Hand serve (Miura, 1996c), passagem que descreve, quase didaticamente, o momento em que o indivíduo toma consciência tardia, *post factum*, do papel que sempre desempenhou dentro de um desígnio que sempre o ultrapassou. Na leitura hegeliana, é a autoconsciência do Espírito reconhecendo, através do indivíduo, o caminho que já havia percorrido. Na leitura materialista proposta aqui, é antes o reconhecimento, por parte da personagem, de uma cadeia causal concreta, decisões, alianças, sacrifícios, que ela mesma construiu e da qual, portanto, poderia em princípio ter se desviado em outro ponto: não há desígnio anterior a ser revelado, apenas um encadeamento de causas materiais que, olhado de dentro, parece destino.

4.4 O Eclipse como momento-dobradiça: de vontade subjetiva a potência objetivada

O sacrifício do Eclipse é o ponto de virada onde o Weltgeist (Griffith) se converte em Weltverstofflichung (Femto). A justificativa que Griffith formula para si mesmo, momentos antes do sacrifício, é a chave de leitura de toda a passagem: ele se recusa a lamentar o que já foi percorrido, argumentando que arrependimento e retratação equivaleriam a jogar fora tudo o que conquistou até ali, e que, sem esse caminho já trilhado, jamais alcançaria aquilo que sempre almejou (Miura, 1996d). Note-se a estrutura: Griffith já não delibera mais sobre se deve seguir adiante, ele apenas constata que **não pode mais recuar**, porque o caminho já percorrido tornou o arrependimento impossível sem anular tudo o que veio antes. Esse é o momento exato em que a vontade subjetiva deixa de ser livre no sentido pleno e passa a ser mera executora de um processo que ela mesma desencadeou, mas que já não lhe pertence mais.

O ato de sacrifício em si, em que Griffith entrega a própria Banda do Falcão como oferta para selar seu parentesco com o God Hand (Miura, 1995) é o instante da conversão: a vontade individual (Griffith) se objetiva, se materializa como força autônoma (Femto), literalmente ao custo da destruição física daqueles que a produziram (seus companheiros, seu próprio "trabalho" de anos como líder de mercenários).

É aqui que os operadores retirados de Marx (seção 1.3) encontram sua aplicação mais direta. A leitura marxista clássica da alienação já se aplicaria bem o produto do trabalho coletivo

(a Banda do Falcão, construída por anos de esforço comum) se volta contra seus produtores e os destrói, mas o conceito de *Verselbstständigung*, a autonomização de uma potência que passa a dominar aqueles que a produziram (Marx; Engels, 1846), permite ir além da alienação enquanto categoria puramente econômica: não é apenas um produto do trabalho que se autonomiza, é uma determinação inicialmente ideal/subjetiva (o sonho, a ambição, a vontade de Griffith) que adquire existência objetiva e efetividade no mundo, tornando-se potência material com efeitos próprios, independentes da consciência que a gerou. Do mesmo modo como, no fetichismo da mercadoria (Marx, 2013), a forma-valor confere às relações sociais entre produtores a aparência de uma relação entre coisas, autônoma e alheia à origem humana que a produziu, a transformação de Griffith em Femto confere à ambição subjetiva de um homem a aparência de uma potência cósmica preexistente, quando, na verdade, o nexo causal que a produziu permanece, em princípio, inteiramente rastreável nas relações concretas da narrativa: a guerra, a Banda do Falcão, o pacto com o God Hand.

4.5 Femto: a potência materializada, indiferente ao sujeito que a originou

A descrição da transformação moral de Griffith após o renascimento é, talvez, a passagem que mais precisamente nomeia o que é a *Weltverstofflichung* em ato: relata-se que todas as inibições humanas que antes o faziam questionar as implicações éticas de sua ambição deixam de fazer parte dele; livre delas, Femto passa a se ocupar exclusivamente da realização do próprio sonho, tornando-se completamente indiferente à moralidade de seus atos (Miura, 2001a; Miura, 2001b). Esse é o núcleo do argumento: Femto não é “Griffith maligno” nem “Griffith sem escrúpulos” ele é a *ambição objetivada*, liberta do único elemento que a mantinha ligada a uma consciência individual capaz de hesitar, de se questionar, de sofrer com as consequências éticas de seus atos. A “liberdade” que ele passa a reivindicar para si (Miura, 2001a) não é a liberdade do sujeito, mas a liberdade da *coisa*: a determinação, uma vez materializada, não precisa mais prestar contas à subjetividade que a produziu. Ela é livre exatamente porque deixou de ser vontade e se tornou potência.

Essa objetividade extrema de Femto tem, na obra, uma tradução quase literal na categoria de “absoluteness” que os próprios personagens usam para descrevê-lo. O Skull Knight chega a compará-lo ao autor de uma história: um ser que existe além da razão física, que ninguém no plano mortal pode ameaçar, e cuja condição só poderia ser confrontada por alguém que também existisse “fora” da narrativa que ele próprio comanda (Miura, 2004). A metáfora do “autor da história” é reveladora e é também onde a leitura hegeliana e a leitura materialista mais nitidamente se cruzam e se separam: Femto não é mais um personagem *dentro* da história

dos mortais, ele passou a ser a condição de possibilidade dessa história, análogo ao modo como, para Hegel, o Espírito do Mundo não é um agente entre outros dentro da história, mas aquilo que torna a própria história inteligível como processo. A diferença é que, na leitura proposta aqui, essa posição de “autor” não é uma essência primeira: é o resultado, historicamente contingente, de um processo de objetivação que teve começo rastreável numa vontade particular. Miura (2002) reforça esse aspecto de modo mais econômico, ao apresentar Femto como uma existência que nenhum ser do Mundo Físico poderia rivalizar sozinho. E o fato de ele perceber o fluxo da causalidade num grau superior ao de quase todos, sem, no entanto, ser onisciente ou capaz de prever tudo (Miura, 1996e), mostra que mesmo essa potência objetivada não é absoluta no sentido metafísico pleno, ela ainda opera dentro de limites, o que é importante para evitar idealizar demais a analogia: a *Weltverstofflichung* não produz uma divindade onisciente, produz uma força material poderosíssima, mas ainda finita e situada.

4.6 O resíduo: aquilo que a materialização não consegue apagar por completo

Um dos aspectos mais úteis da narrativa para nuançar o argumento é que a objetivação de Femto **não é absoluta**. A criança cujo corpo serviu de vaso para a encarnação de Femto deixa nele sentimentos residuais capazes de, ocasionalmente, tomar o controle involuntário de seu corpo (Miura, 2001c), levando-o a agir contra os próprios interesses (Miura, 2001d), e chegando a arrancar-lhe reações de saudade que não são suas, mas daquela criança fundida ao seu ser (Miura, 2021).

Esse resíduo é onde a teoria da contradição de Mao Zedong (1937) volta a ser diretamente operativa, desta vez não para explicar a passagem de Griffith a Femto, mas para explicar por que Femto, mesmo já objetivado, não é uma unidade fechada e sem fissuras. Se todo fenômeno contém dois aspectos contraditórios, um principal e outro secundário, então a persistência do afeto residual da criança dentro de Femto pode ser lida como o aspecto secundário de uma contradição interna à própria potência objetivada: não uma falha no processo de materialização, mas a prova de que a *Weltverstofflichung*, ao contrário do *Weltgeist* hegeliano, não produz uma síntese definitiva e sem resto. A particularidade da contradição, a tese de que cada objetivação tem sua contradição específica, não um esquema genérico aplicado mecanicamente (Zedong, 1937), explica por que esse resíduo assume, em Femto, a forma exata que assume: não uma culpa moral abstrata, mas o traço específico de uma criança concreta, fundida a um corpo concreto, numa história concreta.

Esse resíduo é filosoficamente importante também por outro motivo: ele mostra que, mesmo quando uma determinação subjetiva se materializa e se autonomiza, o traço de sua

origem subjetiva não desaparece por completo: ele sobrevive como resíduo incômodo, como aquilo que a potência objetivada não consegue digerir totalmente. Longe de enfraquecer o argumento, isso o fortalece: a materialização é um processo, não uma ruptura absoluta e instantânea, e o objeto materializado carrega, ainda que residualmente, a marca do sujeito que lhe deu origem, algo estruturalmente análogo ao modo como, mesmo na mercadoria fetichizada, subsiste (ocultado, mas não extinto) o trabalho humano concreto que a produziu.

4.7 A instrumentalização como germe anterior ao Eclipse

Por fim, vale demonstrar que a lógica da objetivação não nasce do nada no momento do Eclipse, ela já estava latente no Griffith humano. Mesmo antes de sua transformação, a narrativa deixa claro que, apesar do afeto que nutre por seus companheiros, Griffith os considera abaixo de si, tratando-os como meros instrumentos para a realização de seu sonho, sem que nenhum deles se qualifique, a seus próprios critérios, como um verdadeiro amigo (Miura, 1993). Ou seja: o Griffith ainda humano já tratava os outros como meios (categoria kantiana) para um fim que só ele podia definir. O Eclipse não inaugura essa lógica instrumental, ele apenas a leva à sua conclusão lógica extrema, tornando literal e cósmica uma relação que já era, em germe, uma relação de objetivação/instrumentalização no plano interpessoal.

Em termos do método de análise concreta de situação concreta (Lênin, 1909), esse germe anterior ao Eclipse é justamente o que torna possível identificar, e não apenas postular, o nexos causal entre a determinação originária (a ambição de Griffith) e sua forma objetivada (Femto): não se trata de uma ruptura sem antecedentes, mas de uma linha de continuidade material, decisões concretas, relações concretas de comando e instrumentalização que pode ser reconstituída passo a passo ao longo da narrativa, sem necessidade de nenhum salto explicativo para um plano espiritual.

5. RESULTADOS

Partiu-se da constatação de que a filosofia da história de Hegel oferece uma estrutura narrativa poderosa, a de uma vontade particular que, sem plena consciência de si, realiza os fins de um Espírito do Mundo que a transcende, mas explica essa estrutura por meio de um sujeito metafísico dispensável. Ao propor a *Weltverstofflichung* como contraposição categorial ao *Weltgeist*, o argumento não negou a força descritiva da astúcia da razão hegeliana; negou apenas que essa força dependa de um Espírito histórico universal. O que Hegel atribui à racionalidade imanente do Espírito, o materialismo dialético de Lênin, Stalin e Mao Zedong, somado aos operadores conceituais retirados de Marx e Engels (a autonomização descrita n'A

Ideologia Alemã, Marx; Engels, 1846, e o fetichismo da mercadoria e o sujeito automático expostos em *O Capital*, Marx, 2013), permite explicar toda objetivação desse tipo como o produto historicamente contingente de relações materiais e sociais concretas que passa a se apresentar, retroativamente, como se fosse uma potência espiritual autônoma.

A aplicação dessa estrutura conceitual ao par Griffith/Femto, na obra de Kentaro Miura, confirmou o valor heurístico da *Weltverstofflichung*. Griffith, o momento do *Weltgeist*, é o indivíduo histórico hegeliano em sua forma mais literal: uma vontade particular, movida por ambição pessoal, que se apresenta a si mesma como pertencente a uma elite natural destinada a mover o mundo. Femto, o momento da *Weltverstofflichung*, é essa mesma vontade já destacada de sua origem subjetiva, objetivada em potência autônoma que já não presta contas à consciência individual que a produziu e que, como a mercadoria fetichizada, aparenta ter sido sempre uma potência cósmica preexistente, quando seu nexos causal permanece, em princípio, inteiramente rastreável nas relações concretas de guerra, traição e sacrifício que a narrativa expõe passo a passo. A teoria da contradição de Mao Zedong permitiu, por sua vez, explicar o Eclipse sem recurso a nenhuma finalidade que o precedesse, como conversão de mudança quantitativa em mudança qualitativa, e o resíduo afetivo que sobrevive em Femto mostrou que essa conversão nunca é uma síntese fechada e sem resto.

6. DISCUSSÃO

O alcance do argumento ultrapassa, contudo, o caso Griffith/Femto. Se a *Weltverstofflichung* descreve corretamente esse tipo de processo, então qualquer fenômeno histórico ou narrativo em que uma vontade subjetiva particular se transforma, por meio de relações materiais concretas, em força objetiva que passa a dominar seus próprios produtores (ideologias políticas que se autonomizam de seus fundadores, instituições que escapam ao controle de quem as criou, produtos culturais que adquirem vida própria à revelia de seus autores) pode em princípio ser lido pelo mesmo aparato conceitual, sem necessidade de recorrer a nenhum sujeito espiritual ou finalidade histórica preexistente. Fica como tarefa para trabalhos futuros testar essa hipótese em casos fora do domínio ficcional, verificando se a *Weltverstofflichung* se sustenta como categoria de análise histórica, e não apenas como chave de leitura literária.

Uma limitação evidente da análise é seu apoio em um único caso narrativo de natureza ficcional; a validade heurística da *Weltverstofflichung* para fenômenos históricos efetivos permanece, portanto, uma hipótese a testar, e não uma conclusão já demonstrada. Ainda assim, o cotejo entre a astúcia da razão hegeliana e os operadores marxistas mobilizados sugere que

a força descritiva da primeira pode ser inteiramente preservada por uma explicação materialista, sem custo explicativo e sem o compromisso ontológico de um sujeito espiritual.

7. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida permite sustentar a *Weltverstofflichung* como uma contraposição materialista ao *Weltgeist* hegeliano. O que Hegel explica pela atuação de um Espírito que se realiza através dos indivíduos pode ser compreendido, sem recurso a qualquer sujeito metafísico, como um processo de objetivação no qual uma determinação subjetiva se inscreve em relações materiais concretas, adquire efetividade objetiva e passa a operar com autonomia relativa diante de sua origem. A unidade desse processo não é teleológica: ela resulta do encadeamento causal e contraditório de condições historicamente determinadas. Nesse sentido, a *Weltverstofflichung* não substitui simplesmente o Espírito por uma “matéria” igualmente abstrata, mas desloca o próprio fundamento da explicação para as relações concretas que produzem, sustentam e transformam a objetividade histórica.

O caso de Griffith e Femto torna essa estrutura particularmente evidente. A ambição de Griffith não permanece confinada à consciência de um indivíduo: ela organiza relações de poder, guerra, lealdade e sacrifício até alcançar, no Eclipse, uma transformação qualitativa pela qual essa determinação deixa de depender da subjetividade que a originou. Femto constitui, assim, a forma objetivada e relativamente autônoma de um processo que teve em Griffith seu ponto de partida subjetivo. A autonomização dessa potência, sua aparência de exterioridade em relação à própria origem e a permanência de um resíduo contraditório em sua constituição demonstram que a materialização não apaga simplesmente o sujeito anterior, mas o reinscreve em uma nova forma de existência. O que parece, retrospectivamente, um destino cósmico pode ser reconstruído como resultado de uma cadeia concreta de determinações.

A *Weltverstofflichung*, propõe uma inversão decisiva da astúcia da razão: não é o Espírito que utiliza os indivíduos para realizar uma finalidade que os transcende; são as determinações produzidas pelos próprios indivíduos, ao se objetivarem em relações materiais, que podem adquirir uma força capaz de ultrapassá-los e submetê-los. Griffith produz Femto, mas Femto já não pertence a Griffith. É nessa passagem, da vontade à objetividade, da produção à autonomização, do sujeito à potência que o excede, que se encontra o núcleo da categoria proposta. Berserk oferece a dramatização ficcional desse movimento, mas o conceito pretende alcançar além dela: sempre que uma determinação humana, uma vez materializada, passa a agir como força objetiva relativamente independente de seus produtores, encontra-se o terreno próprio da *Weltverstofflichung*.

8. CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara que não há conflito de interesses de natureza pessoal, financeira, profissional ou institucional que possa ter influenciado a elaboração, a análise ou a interpretação deste trabalho.

9. REFERÊNCIAS

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte**. Herausgegeben von Eduard Gans; besorgt von Karl Hegel. 3. Aufl. Berlin: Duncker und Humblot, 1848.

LANGEVIN, Paul. **Materialismo mecanicista e materialismo dialético**. 1945. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/langevin/1945/mes/materialismo.htm>. Acesso em: 25 jan. 2025.

LÊNIN, Vladimir I. **Materialismo e empiriocriticismo**. 1909. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1909/empiro/index.htm>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 1845-1846. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap2.htm>. Acesso em: 1 set. 2026.

MIURA, Kentaro. "**Advent**." Berserk, v. 12. Young Animal, n. 6, 8 mar. 1996a.

MIURA, Kentaro. "**All the Inhuman Monsters**." Berserk, v. 12. Young Animal, n. 7, 22 mar. 1996b.

MIURA, Kentaro. "**God of the Abyss (2)**." Berserk, Young Animal, n. 14, 12 jul. 1996d.

MIURA, Kentaro. "**Guardian Angels of Desire (6)**." Berserk, v. 3. Animal House, n. 5, 1 maio 1991.

MIURA, Kentaro. "**Teardrop of Morning Dew (364)**." Berserk, v. 41. Young Animal, n. 18, 10 set. 2021.

MIURA, Kentaro. "**The Castle**." Berserk, v. 12. Young Animal, n. 8, 12 abr. 1996c.

MIURA, Kentaro. "**Beast Swordsman vs Black Swordsman (179)**." Berserk, v. 22. Young Animal, n. 10, 11 maio 2001c.

MIURA, Kentaro. "**Escape (88)**." Berserk, v. 13. Young Animal, n. 19, 27 set. 1996e.

MIURA, Kentaro. "**Magic Stone (202)**." Berserk, v. 24. Young Animal, n. 12, 14 jun. 2002.

MIURA, Kentaro. "**Precious Thing (12).**" Berserk, v. 6. Young Animal, n. 8, 9 abr. 1993.

MIURA, Kentaro. "**Proclaimed Omen (237).**" Berserk, v. 28. Young Animal, n. 7, 26 mar. 2004.

MIURA, Kentaro. "**Prologue to the War Chronicle.**" Berserk, v. 22. Young Animal, n. 13, 22 jun. 2001b.

MIURA, Kentaro. "**Reunion on the Hill of Swords.**" Berserk, v. 22. Young Animal, n. 9, 27 abr. 2001a.

MIURA, Kentaro. "**Unchanged (180).**" Berserk, v. 22. Young Animal, n. 11, 25 maio 2001d.

MIURA, Kentaro. "**Warriors of Twilight.**" Berserk, v. 12. Young Animal, n. 1, 22 dez. 1995.

STALIN, Josef V. **Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico.** Setembro de 1938. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>. Acesso em: 25 jan. 2025.

ZEDONG, Mao. **Materialismo dialético.** Abril-jun. 1938. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1938/06/materialismo.htm>. Acesso em: 1 set. 2026.

ZEDONG, Mao. **Sobre a contradição.** Agosto de 1937. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1937/08/contra.htm>. Acesso em: 1 set. 2026.